

Perfil do hábito de leitura de alunos do curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU

Profile of the reading habits of the Physical Education students at the UniFMU University Center

Eduardo de Souza Moura*,
Sandra Mahecha Matsudo e
Douglas Roque Andrade

Resumo

[1] Moura, E.S., Matsudo, S.M., Andrade, D.R., Perfil do hábito de leitura de alunos do curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 9 (2): 29-37, 2001.

Este trabalho tem o objetivo de verificar o perfil dos hábitos de leitura de 233 alunos do Curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU, bem como os instrumentos de leitura mais utilizados pelos mesmos. Foram investigados 233 alunos, sendo 76 de 1º ano, 47 de 2º ano, 47 de 3º ano e 63 de 4º ano. Os dados foram coletados através de um questionário especificamente formulado para esse trabalho. Para analisar os dados coletados, utilizou-se: levantamento da frequência, porcentagem, média, desvio-padrão e moda. Obteve-se, assim, que, em média, os 233 alunos investigados lêem 3,16 dias por semana. Nesses dias, lêem, em média, 1,16 h ($\pm 0,24$). O veículo de leitura mais utilizado, para 133 alunos (57,1%), é o jornal; em segundo, para 109 alunos (46,8%), o caderno de anotações e, em terceiro, para 108 alunos (46,4%), as revistas não técnicas. Esses alunos lêem, anualmente, uma média de 3,50 ($\pm 2,1$) livros técnicos; 2,65 ($\pm 10,12$) revistas técnicas; 2,01 ($\pm 1,84$) livros não técnicos; 8,10 ($\pm 13,9$) revistas não técnicas. Conclui-se, então, que esses alunos apresentam um baixo volume de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: estudantes, educação física, leitura.

Abstract

[2] Moura, E.S., Matsudo, S.M., Andrade, D.R., Profile of the reading habits of the Physical Education students at the UniFMU University Center. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 9 (2): 29-37, 2001.

The purpose of this study was to establish the reading profile of physical education students as well the most frequent types of texts, books and journals used by these students. Were evaluated 233 students comprising of 76 students from the 1st year, 47 from the 2nd year, 47 from the 3rd year and 63 from the 4th year. Data were collected by a questionnaire that was created specially for this study. The statistical analysis used were mean, standard deviation, frequency of answers, and mode. Results showed that the students read on average of 3.16 days per week. The pattern of reading per day is 1.16 ± 0.24 hour. The media that are more used by the students was the newspaper (57.1%), then their class notebook (46.8%), and then non-technical magazines (46.4%). These students read annually, an average of 3.50 (± 2.1) technical books; 2.65 (± 10.12) journals; 2.01 (± 1.84) non-technical books; and 8.10 (± 13.9) magazines. We can conclude that these students presented a low reading profile.

KEYWORDS: students, physical education, reading .

Curso de Educação Física. Centro Universitário UniFMU. São Paulo.

* Este estudo é o trabalho de conclusão de curso do Curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU

Endereço do Autor:

Rua Ramona, 69, apto 06, Vila Mariana, São Paulo-SP
CEP- 04121-040
E-mai: embook@ig.com.br

Introdução

Ao longo de quatro anos, em uma Faculdade de Educação Física, é possível estabelecer contato com muitos profissionais e com muitos estudantes desse curso. Tal contato é muito profícuo, no sentido de despertar, em qualquer leitor assíduo, a curiosidade acerca dos hábitos de leitura desses profissionais e estudantes. Desde o primeiro ano de faculdade, pode-se perceber que os alunos desse curso não praticam o ato de ler com frequência. Com efeito, os mesmos dizem preferir atividades práticas, como forma de lazer, durante seu tempo livre. Não raro, pode-se causar espanto, entre os demais, ao se ler um jornal, na sala-de-aula, durante o intervalo entre as mesmas.

Dessa forma, constata-se, facilmente, que há certa dificuldade em se expressar corretamente de forma oral e, principalmente, de forma escrita, por parte desses alunos. Muitas vezes, os mesmos demonstram extrema dificuldade em transcrever e, até, em oralizar um raciocínio, fazendo com que se tenha a impressão de que não dominam o conceito correto. Assim, imagina-se que os professores devam ter a mesma impressão, ao corrigir provas e/ou trabalhos. Em academias e em demais locais de trabalho de profissionais de Educação Física, a situação não difere muito. Muitos professores dessa área dizem não ter o hábito e o gosto pela leitura. Justificam-se, alegando falta de tempo para tanto. A inabilidade desses ao falar e escrever pode ser ainda maior, dado que já saíram da faculdade (deve-se reconhecer que o estudante ainda lê algo, durante a época das provas). Ainda, quando questionados sobre como fazem para atualizar seus conhecimentos, muitos são categóricos em dizer que apenas assistem a palestras e cursos, em congressos e convenções.

Acreditando ser a leitura um forte instrumento para o falar e escrever bem, busca-se, neste trabalho, embasamento teórico para defender tal ponto-de-vista. Começando por citar SEVERINO (15), que escreve que a leitura analítica de textos científicos, mais especificamente se referindo ao ato de lê-los, é capaz de desenvolver, no estudante-leitor, uma postura lógica, o que, segundo o autor, é um meio adequado para a formação, tanto específica, quanto filosófica do mesmo. Corroborando, o ato da leitura é, segundo MOLINA (11), a chave para a aquisição do saber sistematizado, uma forma de saber que é produzida pela humanidade, ao longo de sua história. Ainda, segundo a mesma autora, as formas visuais de transmissão de conceitos e notícias são, em sua maioria, limitadas e perfunctórias, o que acaba por não propiciar o cotejamento, bem como uma análise crítica das mesmas. Nesta mesma linha de raciocínio, ANDRADE (1) escreve que, apesar de estarmos no século da informação, via imagem, a leitura ainda é o meio mais importante para a transmissão da História, da Cultura e das Ciências, sem mencionar, claro, a função recreativa desse ato.

Já KLEIMAN (6) escreve que nossa capacidade de memorização, bem como de compreensão de um texto é maior quando há um objetivo por trás de determinada leitura. Uma vez possuidor de objetivos, o leitor passa a interagir com o autor do texto, através da “formulação de

hipóteses”. Isto significa que o leitor passa a criar expectativas durante o desenrolar da leitura, baseado em experiências próprias e em um conhecimento prévio sobre o autor ou o meio de escrita (livro, jornal, revista, periódico etc.), como se fosse um “jogo de adivinhação”. Sendo assim, a leitura não é uma forma passiva de aquisição de conhecimento, mas, contrariamente, uma forma reflexiva. KLEIMAN ainda afirma que o ato de ler é fundamental para a “construção” do conhecimento e não, para sua mera “absorção”. Nas escolas, porém, não é isso o que acontece, uma vez que alunos lêem por obrigação e sem saber, exatamente, aonde querem chegar.

Nesse sentido, ORLANDI (12) escreve que a leitura tem sido tratada, nas escolas, como mais um instrumento e/ou artefato pedagógico, o que revela uma visão pragmática e imediatista de educação; a leitura e os livros escolares são, quase que invariavelmente, descontextualizados, divergentes em relação aos interesses e à própria realidade dos alunos. Sob um aspecto social, ORLANDI (12) e SILVA (17) escrevem que o livro didático limita-se a transmitir os valores da classe dominante. Por outro lado, já sob o aspecto histórico, esse mesmo livro desconsidera as vivências e as experiências que os alunos trazem de fora da escola, classificando-os em um grau zero de aprendizagem.

Não obstante, LUCKESI, et. al. (8) escrevem que o indivíduo-leitor pode assumir duas posturas durante o ato de ler, que são: uma postura *crítica*, quando o mesmo “debate” e coteja as informações lidas (do autor) com as suas próprias e prévias informações e/ou experiências ou uma postura chamada de *acrítica* que, por sua vez, caracteriza-se por mera aceitação da mensagem e posterior memorização da mesma, por parte do leitor. Escrevem os autores, ainda, que adotar uma postura acrítica de ler é abdicar da capacidade de investigar, relegando essa tarefa ao autor do texto.

Por conseguinte, como afirmam, de forma escrita, LUCKESI, et al. (8), temos um “leitor-sujeito” e um “leitor-objeto”, cabendo, ao primeiro, a leitura crítica, o que tornará possível, ao mesmo, produzir novos conhecimentos e transmitir uma nova mensagem a outras pessoas, uma vez que compreendeu e sintetizou as informações oferecidas, pelo autor, no texto. Já ao segundo tipo de leitor, caberá a postura acrítica, fazendo com que o mesmo apenas reproduza, a curto prazo, as informações memorizadas, a partir do que fora lido.

Por seu turno, KATO (4) escreve que o processo de leitura se dá como um todo e não, fragmentado, ou seja, a leitura proficiente não ocorre com a fragmentação e consecutiva síntese das palavras (letras e sílabas), mas através do reconhecimento instantâneo dessas. Certamente, segundo a autora, conforme o grau de eficiência de cada leitor, esse processo de reconhecimento instantâneo pode ocorrer com maior ou menor frequência, o que equivale a dizer que o leitor mais eficiente possui um “vocabulário visual” maior que o de um leitor iniciante. Conseqüentemente, o leitor mais experiente pouco recorrerá ao processo de análise e síntese de palavras, cabendo, isto, mais ao leitor iniciante. MARTINS (9) escreve que o leitor, em geral, não se atém ao funcionamento do ato de ler; todavia, tal ato, se esmiu-

çado e analisado, revela-se composto de três níveis, que são : nível sensorial; nível emocional e nível racional. Esta divisão em três partes não significa que as mesmas estejam separadas entre si, uma vez que, na verdade, acontecem simultaneamente.

Por sua vez, SILVA (16) escreve que é por meio das experiências obtidas, através da leitura, que ocorre o posicionamento do ser do homem, alegando, ainda, que essa, a leitura, é a mola propulsora das descobertas, da elaboração e da difusão do conhecimento acumulado pela humanidade. Neste sentido, esse autor escreve que, apesar de vivermos em uma sociedade que tende ao “imagismo da TV”, a produção e a divulgação científicas, bem como, e principalmente, a formação acadêmico/ universitária ainda se dão através do livro, do periódico e da revista especializada.

SILVA ainda escreve atentando para o fato de que os demais meios de informação (rádio, televisão, cinema, etc.) precisariam passar por uma reformulação de seus processos e conteúdos, visando a facilitar a conscientização das massas; todavia, esse autor escreve que esses meios de comunicação, no caso brasileiro, têm servido às elites dominantes, inculcando e reforçando a ideologia por elas produzida, não esquecendo que, em se tratando da televisão, o conteúdo veiculado obedece aos interesses de mercado, também.

Em contrapartida, a leitura possibilita, como escreve SILVA, a aquisição de diferentes pontos-de-vista e o alargamento de experiências, o que constitui um meio de desenvolver a originalidade e a autenticidade daqueles que lêem. Ler é, também, “compreender a mensagem, compreender-se na mensagem e compreender-se pela mensagem”. Isto quer dizer que ler é uma ponte para a tomada de consciência e, também, uma forma de compreender-se e ao mundo.

Em publicação conjunta do INEP (Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais) e MEC (Ministério da Educação e da Cultura), (3), afirma-se que, em sociedades desenvolvidas, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, o instrumento majoritário de aquisição e divulgação de cultura é o livro. Por outro lado, em sociedades subdesenvolvidas - como nós - o objeto “livro” tem um poder de circulação muito limitado, restringindo-se às camadas privilegiadas da população. Pesquisa realizada pelo MEC (1987), citada na publicação conjunta INEP/MEC (3), revelou que: “70 % da população brasileira mal consegue decifrar as manchetes de jornal e, o que é pior, não entende o noticiário radiofônico...”, o que denota um grande empobrecimento da linguagem.

Ilustrando a questão, SILVA (16) escreve que há uma insatisfação generalizada dos professores universitários referente ao nível de desempenho de leitura dos alunos, o que gerou a criação de cursos de recuperação, em língua portuguesa, inserindo esses cursos na grade curricular do curso básico. Tal fato, segundo SILVA, ocorreu em diversas Universidades, tais como : PUCSP, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Estadual do Ceará etc. Esse despreparo dos alunos universitários, ainda, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular. PERROTTI (13) escreve que o livro e, conseqüentemente, o ato de ler é fator

insubstituível, para retirar uma população do estado de barbárie e incultura. Para tanto, é necessário criar o hábito de ler desde a infância, logo após a alfabetização. Este mesmo autor escreve, ainda, que a comunicação pela linguagem escrita assume importância cada vez maior, dado o aumento dos conhecimentos e das descobertas humanas e, também, a uma organização social mais complexa, o que torna esse tipo de comunicação um meio de transmissão de idéias, emoções pessoais, avisos, instruções, ordens, princípios, normas de procedimento, observações feitas, experiências vividas e descobertas realizadas.

Dessa forma, o autor sustenta a idéia de que a leitura é capaz de ensinar a observar, a investigar e a experimentar ; é capaz, ainda, de dirigir o pensamento, no processo de raciocínio, no sentido de formar hábitos de análise e reflexão e é capaz, por fim, de estimular a curiosidade e a imaginação do leitor, despertando-lhe, assim, a iniciativa e a criatividade. Já em se tratando de formação profissional, RUIZ (14) escreve que não basta, para a boa formação de um acadêmico, assistir às aulas, é necessário ler, ler muito. As aulas, segundo o autor, são importantíssimas, uma vez que ampliam os caminhos que levam ao conhecimento, servindo, na verdade, de orientação para que o próprio aluno construa seu conhecimento, através da pesquisa bibliográfica, ou seja, da leitura.

Em uma publicação não-especializada, TEIXEIRA E KENSKI (5) escrevem que o próprio ato de ler já constitui um bom exercício para a memória, o que ocorre quando se estabelece uma ligação entre os novos conhecimentos e os já existentes. Tal acontecimento promove uma intensa troca de informações entre os neurônios, contribuindo, assim, para a construção das lembranças.

Sendo assim, o que se objetiva, com este trabalho de pesquisa, é verificar o perfil dos hábitos de leitura de 233 alunos do Curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU, bem como os instrumentos de leitura mais utilizados pelos mesmos.

Metodologia

Quanto à amostra utilizada para a realização deste trabalho, foram investigados duzentos e trinta e três (233) alunos do Curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU, sendo 76 alunos de 1º ano, 47 de 2º ano, 47 de 3º ano e 63 de 4º ano, divididos em 133 homens e 100 mulheres, com faixa etária variando entre 18 e 37 anos, do período matutino. Presume-se que esses alunos possuam um nível sócio-econômico médio/ alto.

A coleta de dados, por sua vez, foi realizada mediante a aplicação de um questionário especialmente formulado para este trabalho de pesquisa. O preenchimento do mesmo foi opcional, tendo por objetivo averiguar a quantidade de leitura dos alunos do Curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU, bem como os instrumentos de leitura mais utilizados. Já os objetivos das questões que compõem esse questionário são: averiguar a quantidade de leitura desses alunos, o tempo dispensado a tal prática, os instrumentos mais utilizados para tal feito e a opinião pessoal dos mesmos acerca de seus hábitos como

leitores. Quanto à aplicação desse questionário, os alunos receberam, em sala, a folha de perguntas e foram informados de que se tratava de um trabalho de monografia, ficando por conta dos mesmos a opção de responder ou não tal questionário. Ao final, as folhas foram recolhidas pelo aplicador presente. Tal fato ocorreu durante a segunda quinzena do mês de setembro de 2000.

Para a análise dos dados coletados, foram utilizados: levantamento da frequência, porcentagem, média, desvio-padrão e moda (2, 7, 10).

Resultados e Discussão

Antes de analisarmos os dados coletados, faz-se necessário caracterizar a amostra utilizada. No total, duzentos e trinta e três alunos (n = 233) foram entrevistados, sendo homens e mulheres, com idades variadas e divididos entre os quatro anos de curso, como mostrado nas tabelas 1, 2 e 3, abaixo.

Tabela 1: Distribuição dos alunos investigados entre os quatro anos do curso de Educação Física

Ano	f	%
1º	76	32,62
2º	47	20,17
3º	47	20,17
4º	63	27,04
Total	233	100

Percebe-se uma maior participação dos alunos do 1º ano, no total da amostra, o que pode ser explicado, talvez, por serem as salas mais numerosas entre todos os outros anos. A participação do 2º e do 3º anos foi igual, cabendo ao 4º ano uma participação que se afigura como a segunda maior, dentre o total da amostra.

Tabela 2: Distribuição por sexo dos alunos investigados do curso de Educação Física

Ano\Sexo	Masculino		Feminino	
	f	%	f	%
1º	50	66	26	34
2º	26	55	21	45
3º	24	51	23	49
4º	33	52	30	48
Total	133	57,0	100	42,9

Percebe-se, nesta tabela, uma predominância de alunos do sexo masculino em todos os quatro anos, o que, acredita-se, é um fenômeno resultante de uma cultura “machista”, que teve seus alicerces danificados, a partir da metade do século para cá, fazendo aumentar, gradativamente, a participação das mulheres em diversos setores profissionais da sociedade.

Tabela 3: Média de idade dos quatro anos investigados do Curso de Educação Física

Ano	1º	2º	3º	4º	Total	
Idade	x	19,59	21	22,57	23,25	21,6
	s	1,83	1,81	3,99	3,2	1,07

Já caracterizada a amostra, podemos nos ater à análise dos dados referentes ao objetivo deste trabalho, começando por analisar o gosto pela leitura dos alunos de Educação Física do Centro Universitário UniFMU.

Tabela 4. Porcentagem de alunos que referem ter ou não gosto pelo ato de ler, investigados no curso de Educação Física

Ano	Gostam		Não gostam	
	f	%	f	%
1º	51	67	25	33
2º	27	57	20	43
3º	39	83	8	17
4º	52	83	11	17
Total	169	72,5	64	27,5

Vê-se que a maior parte dos alunos declarou gostar de ler, sendo 169 alunos (72,53%) contra 64 (27,47%) que não gostam de fazê-lo. O fato de gostar ou não de ler é algo que o indivíduo traz como resultante de sua vida escolar. Se foi bem estimulado, quase que invariavelmente, gostará de ler; se não, deixará a leitura assim que esta deixar de ser cobrada. Como afirma KLEIMAN (6), nas escolas, a leitura é uma obrigação, um dever a ser cumprido, o que acaba por gerar uma legião de adultos que não lêem. Analisando os dados separadamente, vemos que os alunos do 1º ano apresentam um grande índice de rejeição à leitura, sendo 67% que gostam e 33% que não gostam de ler; no 2º ano, também vemos grande rejeição à leitura, na verdade, proporcionalmente, o maior. No 3º e 4º ano, 83% declararam gostar de ler, ao passo que 17% não nutrem gosto por tal ato.

Quando questionados sobre o motivo pelo qual lêem, os alunos da amostra responderam conforme os dados da tabela 5.

Tabela 5: Razão pela qual os alunos do curso de Educação Física

Motivo	Prazer		Obrigação dos estudos	
	f	%	f	%
1º	43	57	33	43
2º	25	53	22	47
3º	38	81	9	19
4º	48	76	15	24
Total	154	66,1	79	33,9

Os dados desta tabela corroboram com os da tabela anterior (tabela 4), pois 66,1% dizem ler por prazer, enquanto que 33,9% alegam ler por obrigação dos estudos. Tais dados podem denotar, também, que muitos alunos, que dizem gostar de ler, têm-no feito por força dos estudos, mas nem sempre obtendo prazer com tal ato, ou seja, o indivíduo pode realmente gostar de leitura, mas se vê obrigado a ler textos de que não gosta, textos de leitura obrigatória para determinada disciplina do curso. Complementando KLEIMAN (6), não é apenas nas escolas que se lê por obrigação, no curso superior, como mostram os dados, o jovem adulto também vê o ato da leitura como mera obrigação. Será que esse jovem associará à leitura o devido valor que esse ato encerra? Julgamos que não e, na verdade, acreditamos que dificilmente tornará à leitura, dado que, tanto na escola, quanto no curso superior, ler constituiu-se numa imposição. Todo o sistema de ensino brasileiro deveria passar por uma reformulação de seus métodos e metodologias, no que tange à leitura, principalmente no nível superior, onde são formados os professores.

Para sabermos exatamente o quanto os alunos dessa faculdade lêem, fizeram-se as perguntas acerca da quantidade de dias em que se pratica a leitura e, nesses dias, quantas horas são destinadas a tal ato. As respostas podem ser visualizadas, respectivamente, nas tabelas 6 e 7, a seguir.

Tabela 6: Frequência em dias por semana em que se pratica o ato da leitura por parte dos alunos do curso de Educação Física

Ano	1º	2º	3º	4º	Total
Dias/ semana					
x	2,58	2,89	3,47	3,71	3,16
s	1,56	2,12	1,65	1,97	0,26
moda	2	2	3	3	2

Aqui entendemos o porquê da insatisfação dos professores universitários, quanto ao nível de leitura de seus alunos, fato citado por SILVA (16). Em média, os alunos do curso de Educação Física lêem 3,2 dias por semana, sendo a moda de 2 dias da semana. Convenhamos, é muito pouca leitura para quem se pretende dizer Professor. Se levarmos a cabo o que afirmam autores como MOLINA (11), segundo o qual a leitura é a melhor forma de aquisição do saber sistematizado, ao passo que as formas visuais são muito perfunctórias isto se agrava. KLEIMAN (6) escreve que a leitura é uma forma de construir o próprio conhecimento, ao passo que não ler gera mera absorção de conhecimentos, o que não promove questionamentos, tampouco duração desses mesmos (“... decora hoje, esquece amanhã.”) ou RUIZ (14), alegando que não basta assistir às aulas, pois essas são apenas uma forma de orientar o aluno no caminho da construção do saber; o conhecimento se dará através da pesquisa e da leitura. A frequência aumenta, conforme o ano do curso a incrementa: o 1º ano apresenta uma frequência média de 2,6 dias de leitura, por semana, o 2º ano, 2,9; no 3º ano, lê-se, em média, 3,5 dias e, no 4º ano, lê-se uma média de 3,71 dias.

Tabela 7: Duração da leitura em horas por dia dedicadas à leitura por parte dos alunos do curso de Educação Física

Ano	1º	2º	3º	4º	Total
horas / dia					
x	1,19	1,00	1,26	1,22	1,16
s	0,53	0,40	0,21	1,19	0,24
moda	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Esta tabela é mais alarmante ainda, pois mostra que, além de ler durante poucos dias de uma semana, os alunos da amostra lêem durante um tempo muito exíguo. No total da amostra, lê-se, em média, 1,16 horas. No 4º ano, a média diária de leitura é de 1,2 horas; além de possuir uma média de horas diárias de leitura inferior (1,16) à média de leitura dos alunos do 3º ano e, apenas, 3 minutos acima da média diária dos alunos do 1º ano, os alunos do 4º ano ainda apresentam o maior valor de desvio-padrão, dentre todos os demais anos, o que demonstra que muitos não lêem quase nada por dia. Os futuros professores de Educação Física buscam conhecimento onde? E como? Seu nível de leitura é ínfimo, comparado ao que deveria ser o nível de leitura de formandos universitários. Se atentarmos para o fato de que, como escreve RUIZ (14), a leitura amplia os conhecimentos, aumenta o vocabulário e, ainda, aperfeiçoa a capacidade de ler com maior velocidade, sem prejuízo para o entendimento, deveremos questionar a qualidade dos profissionais que essa Faculdade estará aprovando para o mercado de trabalho, a partir de alguns meses, pois, como se viu, a leitura não é muito praticada por esses alunos de 4º ano, o que deverá repetir-se com os próximos formandos, nos anos que virão, uma vez que todos os demais anos também não apresentam grande dedicação à leitura.

Para saber exatamente o que os alunos investigados lêem, foi elaborada uma questão que fornecia algumas alternativas de veículos de leitura. A partir daí, foi pedido que escolhessem os três veículos mais utilizados em seus cotidianos. Os resultados seguem abaixo, na tabela 8.

Tabela 8: Fontes de leitura mais utilizados pelos alunos do curso de Educação Física

Ano	Caderno		Livro técnico		Revista técnica		Livro não técnico		Revista não técnica		Jornal	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
1º	43	57	21	28	33	43	14	18	37	49	48	63
2º	29	62	16	34	15	32	8	17	25	53	25	53
3º	14	30	35	74	20	43	21	45	19	40	28	60
4º	23	37	37	59	23	37	27	43	27	43	32	51
Total	109	46,8	109	46,8	91	39,1	70	30,0	108	46,4	133	57,1

No total de alunos investigados, o veículo de leitura mais utilizado, por 57,1% dos alunos foi o jornal. Em segundo lugar, na escolha dos alunos, empatam (46,8%) o caderno de anotações e o livro técnico e, em terceiro lugar (46,4%), as revistas não-técnicas. No 1º ano vemos, igualmente, o jornal como veículo mais utilizado, em segundo, o caderno de anotações e, em terceiro lugar, as revistas não-técnicas. No 2º ano temos, como veículo mais utilizado, o caderno de anotações seguido pelo jornal e pelas revistas não-técnicas, estando em terceiro lugar o livro técnico. No 3º ano, o veículo mais citado foi o livro técnico, estando, em segundo lugar, o jornal e, em terceiro, o livro não-técnico. No 4º ano, o veículo mais utilizado para leitura é o livro técnico, seguido pelo jornal e, em terceiro lugar, empatados, a revista e o livro não-técnico.

A partir disso, buscou-se saber quanto, especificamente, esses alunos lêem de cada veículo por semana, mês e ano, como mostrarão as tabelas 9, 10, 11, 12 e 13, a seguir.

Tabela 9: Quantidade de livros técnicos que os alunos do curso de Educação Física lêem por semana, mês e ano

Livro técnico		1º	2º	3º	4º	Total
		Semana	x	0,17	0,19	0,26
	s	0,41	0,54	0,74	0,49	0,14
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Mês	x	0,79	0,43	1,04	1,32	0,90
	s	1,17	0,77	1,77	2,63	0,81
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Ano	x	2,58	2,6	4,53	4,27	3,50
	s	7,63	3,27	5,55	7,72	2,10
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Esta tabela vem mostrar a realidade do acadêmico de Educação Física do Centro Universitário UniFMU, colocando em dúvida as respostas dadas às perguntas sobre a quantidade de dias semanais e horas diárias de leitura, expostas, respectivamente, nas tabelas 6 e 7. No total de alunos entrevistados, a média semanal de livros técnicos é de 0,20; mensalmente, esses alunos lêem 0,90 livro técnico,

enquanto que, anualmente, lêem uma média de 3,50. Ora, se, conforme os dados apresentados nas tabelas 6 e 7, esses alunos lêem em média 3,16 dias semanais, durante uma média de 1:16h diária, como anualmente só conseguem ler uma média de 3,50 livros técnicos, sendo o desvio-padrão de 2,10. RUIZ (14) já alerta para o fato de que é lendo que se aperfeiçoa a capacidade de fazê-lo com maior velocidade.

Deve-se atentar para o fato de que, conforme as médias aumentam, progressivamente, de acordo

com os anos (1º, 2º, 3º e 4º), também aumentam as medidas de dispersão, ou seja, o desvio-padrão é maior entre os alunos do último ano do curso, o que mostra que muitos dos futuros professores lêem conforme nos mostra, invariavelmente, a moda de quantidade de livros técnicos lidos, isto é, 0,00. TEIXEIRA e KENSKI (5), escrevem que ler é um excelente exercício para a memória de um indivíduo. Sendo assim, cabe a dúvida: será que esses alunos não se estão esquecendo de dizer, realmente, o quanto lêem? (Dica para uma próxima pesquisa.)

Tabela 10: Quantidade de revistas técnicas que os alunos do curso de Educação Física lêem por semana, mês e ano

Revistas técnicas		1º	2º	3º	4º	Total
		Semana	x	0,24	0,15	0,19
	s	0,67	0,47	0,50	0,64	0,10
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Mês	x	0,54	0,51	0,87	0,76	0,67
	s	1,12	1,10	1,71	2,19	0,52
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Ano	x	1,11	1,68	2,96	4,83	2,65
	s	3,62	3,30	4,44	24,00	10,12
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Neste caso, em especial, pode-se atribuir tais resultados ao fato de que muitos dos alunos investigados não sabem diferenciar um periódico científico de outro que não o seja. Muitas vezes, confundiram-se revistas, tais como “Boa Forma”, com publicações científicas. “Revista Brasileira de Ciências do Esporte”, por exemplo. Também, não

foram raras as vezes em que os alunos não conheciam o significado do termo “periódico científico”. Totalizando, os alunos investigados lêem, semanalmente, uma média de 0,19 revista técnica; mensalmente, lêem uma média de 0,67 e, anualmente, uma média de 2,65 revistas técnicas.

Tabela 11: *Quantidade de livros não-técnicos que os alunos do curso de Educação Física lêem por semana, mês e ano*

Livros não-técnicos		1º	2º	3º	4º	Total
Semana	x	0,07	0,11	0,19	0,27	0,16
	s	0,25	0,31	0,68	0,81	0,27
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Mês	x	0,36	0,19	0,72	0,89	0,54
	s	0,72	0,65	1,83	3,84	1,49
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Ano	x	1,11	1,66	2,6	2,68	2,01
	s	2,97	2,96	6,46	5,79	1,84
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Em se tratando de uma leitura descompromissada, evasiva e/ou ficcional, o que a tabela acima revela é que os acadêmicos investigados não adotam tal ato em seus cotidianos. Com efeito, nota-se que, no total, esses alunos lêem, por semana, uma média de 0,16 livro não-técnico; mensalmente, lêem, em média, 0,54 e, anualmente, lêem uma média de 2,0. Talvez estes resultados expliquem a quase total falta de conhecimento, por parte desses alunos, de questões ligadas à cultura geral, aos conhecimentos genéricos, fato este muito evidente, durante as aulas, quando, por exemplo, aborda-se um tema referente à História, seja ela nacional ou mundial.

Tabela 12: *Quantidade de revistas não-técnicas que os alunos do curso de Educação Física lêem por semana, mês e ano*

Revistas não-técnicas		1º	2º	3º	4º	Total
Semana	x	0,64	0,81	0,98	0,86	0,83
	s	0,96	1,21	1,66	1,59	0,33
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Mês	x	1,20	1,34	2,60	1,59	1,68
	s	1,93	2,32	4,34	2,38	1,08
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Ano	x	5,21	6,45	17,0	3,75	8,10
	s	12,85	14,05	39,03	8,28	13,88
	moda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Esta tabela nos revela a grande alienação dos alunos investigados. Uma vez que a leitura técnica deixou tanto a desejar, era de se esperar que, pelo menos, esses alunos lessem alguma coisa não-técnica. Para ilustrar tal fato, temos que, no total, esses alunos lêem, semanalmente, uma média de 0,83 revista não-técnica, mensalmente, lêem, em média, 1,68 e, anualmente, uma média de 8,1.

O que mais impressiona e, ao mesmo tempo, choca, é o fato de que, nas últimas quatro tabelas apresentadas (9, 10, 11 e 12), o cálculo estatístico, conhecido como “moda”, foi, invariavelmente, de valor 0,00. Para quem sabe o que isso significa, é fácil entender o porquê de a Educação Física representar o que representa para as demais disciplinas escolares.

Tabela 13: *Quantidade de unidades de jornal que os alunos do curso de Educação Física lêem, por semana*

Jornais		1º	2º	3º	4º	Total
Unidades /semana	x	1,95	2,32	2,23	1,73	2,06
	s	1,66	2,21	2,29	1,82	0,30
	moda	1	1	0	1	1

PERROTTI (13) escreve que o ato de ler é fator insubstituível para tirar uma população do estado de barbárie e incultura. Como se pode ver, na tabela acima, no total de alunos investigados, tem-se que esses lêem, em média, 2,1 unidades de jornal por semana. Esses dados serão facilmente compreendidos, se nos lembrarmos de que os encartes esportivos são mais volumosos e completos nos domingos e nas segundas-feiras, ou seja, em dois dias.

As próximas duas tabelas (14 e 15) revelam os hábitos de estudo dos alunos utilizados na amostra, ou seja, a leitura que esses fazem, quando da época de provas na faculdade.

Tabela 14: *Aumento, ou não, do volume de leitura dos alunos do curso de Educação Física, durante o período de provas*

Ano	Sim		Não	
	f	%	f	%
1º	66	86	10	13
2º	43	91	4	9
3º	36	77	11	23
4º	59	94	4	6
Total	204	87,55	29	12,45

Quando questionados acerca do aumento do volume de leitura, durante o período de provas na Faculdade, 87,55% alunos responderam que sim, aumentam o volume de leitura nesse período, ao passo que 12,5% responderam não o fazerem. Pelo menos, durante as provas, alguns desses alunos passam a ler mais.

Tabela 15: *Veículo de leitura mais utilizado pelos alunos do curso de Educação Física, durante o período de provas*

Veículo Ano	Caderno		Livro		Apostila	
	f	%	f	%	f	%
1º	45	59	1	1	30	39
2º	33	70	1	2	13	28
3º	22	47	5	11	20	43
4º	22	35	6	10	35	56
Total	122	52,36	13	5,58	98	42,06

Como se pode ver, na tabela acima, o veículo de leitura mais utilizado, durante o período de provas, ou veículo de estudos, é o caderno de anotações das aulas. No total, esse veículo de estudos é o preferido de 52,4% alunos, seguido das apostilas, para 42,1% alunos, e do livro técnico.

É necessário que os professores dessa Faculdade sejam extremamente competentes, ao darem aulas, pois a formação técnica dos alunos, pelo menos até o terceiro ano, faz-se, quase que unicamente, como vimos, através do caderno de anotações. Tal fato denota, ainda, uma formação técnica muito estreita, onde o aluno se baseia, apenas, no ponto-de-vista do seu professor, negligenciando diversas outras formas de se ver um mesmo problema, algo que, através da pesquisa e da leitura, poderia ser solucionado. Como escrevem LUCKESI et. al. (8), MOLINA (11) e SILVA (16), é através da leitura que o indivíduo adota uma postura reflexiva, cotejando idéias e pontos-de-vista; é lendo que o Homem se posiciona no mundo das idéias e concepções.

Na tabela a seguir, estão os dados acerca da opinião que os alunos investigados têm sobre seus hábitos de leitura, mais especificamente, se sua dedicação à leitura é suficiente ou insuficiente.

Tabela 16: *Opinião própria acerca da dedicação à leitura (suficiente ou insuficiente) dos alunos do curso de Educação Física*

Ano	Suficiente		Insuficiente	
	f	%	f	%
1º	23	30	53	70
2º	8	17	39	83
3º	12	26	35	74
4º	18	29	45	71
Total	61	26,2	172	73,8

De forma unânime, os alunos investigados consideram sua dedicação à leitura insuficiente, o que pode ser um primeiro passo no sentido de uma conscientização e, quem sabe, futuramente, uma maior dedicação ao ato de ler. No total, 73,8% dos alunos consideram sua dedicação à leitura insuficiente, enquanto que 26,2% consideram-na suficiente.

Por fim, a última tabela apresenta os resultados referentes às respostas dadas à pergunta que buscava saber se esses alunos julgam a leitura um instrumento indispensável para a formação pessoal e profissional de um indivíduo.

Tabela 17: *Consideração pessoal dos alunos do curso de Educação Física acerca de a leitura representar ou não um instrumento indispensável para a formação pessoal e profissional de um indivíduo*

Ano	Sim		Não	
	f	%	f	%
1º	72	95	4	5
2º	44	94	3	6
3º	47	100	0	0
4º	63	100	0	0
Total	226	97	7	3

No total, 226 alunos (97%) responderam que sim, consideram a leitura um instrumento indispensável à formação pessoal e profissional de um indivíduo e 7 alunos (3%) responderam negativamente. No 1º e no 2º ano, 95% dos alunos consideraram a leitura um instrumento indispensável, enquanto 100% dos alunos do 3º e do 4º ano acharam o mesmo. Mais uma vez, reconhecer a importância que a leitura encerra constitui um primeiro passo no sentido de uma transformação para melhor.

Conclusão

Após examinar e discutir os dados coletados, é possível chegar à conclusão de que o acadêmico de Educação Física, ou melhor, os duzentos e trinta e três alunos entrevistados não são bons leitores. Muitos dizem gostar de ler, mas, apesar disso, não apresentam uma dedicação pessoal muito expressiva, o que constitui um grande problema, já que, como vimos, a leitura é uma das formas mais eficazes de adquirir e/ou transmitir conhecimentos. Em um momento em que se discute tanto a importância da Educação Física e, igualmente, a imprescindibilidade da atividade física, no cotidiano de toda a sociedade, é necessário darmos especial atenção à formação do profissional que atuará nessa área. Impor essa disciplina através de decreto federal não fará com que seu valor e reconhecimento aumentem. Se não trabalharmos na causa do problema que levou a Educação Física à condição de relegada a um segundo plano, nos currículos escolares e universitários, ou seja, a incompetência de muitos dos profissionais dessa área, muito em breve surgirá um outro decreto, eximindo tais

instituições da obrigação de manterem tal disciplina em suas grades curriculares.

Sendo assim, cabe às Faculdades de Educação Física o bom senso de reverem suas filosofias de ensino, bem como métodos e metodologias, no sentido de estimularem o aluno universitário a ler, pesquisar e a construir seus próprios conhecimentos. Abster-se disso, alegando ser, essa, uma tarefa dos Ensinos Fundamental e Médio é, no mínimo, “burrice” e atitude de extremo descaso para com o futuro da profissão, uma vez que são essas Faculdades que despejam centenas de profissionais formados no mercado de trabalho, todos os anos, e esses profissionais, incompetentes por formação, é que tornarão a levar a Educação Física aos patamares mais baixos de consideração, frente às demais disciplinas e/ou áreas de conhecimento. Se os alunos de Educação Física passarem a ler mais, talvez essa situação mude. Vale dizer, ainda, que há esforços, pelo menos por parte dessa Faculdade investigada, no sentido de incentivar os alunos a pesquisarem; todavia, esses esforços parecem estar sendo insuficientes.

Por outro lado, este trabalho de pesquisa teve limitações, afigurando-se, como a principal delas, a pequena quantidade de referências bibliográficas que versam sobre a importância da leitura para a formação acadêmica de um indivíduo. Também, o questionário aplicado para a coleta de dados deveria ser melhor elaborado (o que demanda maior tempo disponível), pois algumas das questões permitiam mais de uma interpretação, como observado ao se analisarem as respostas dadas.

Por fim, pode-se sugerir, como objetivo de uma futura pesquisa, a investigação do porquê de tão pouca dedicação à leitura, por parte dos acadêmicos de Educação Física.

Referências Bibliográficas

1 - ANDRADE, M. M. Língua Portuguesa. Noções Básicas para Cursos Superiores. 4ª ed., São Paulo, Atlas S.A., 1994, parte II. p. 49 e 50.

2 - GIANNICHI, R.S., MARINS, J.C.B. Avaliação & Prescrição de Atividade Física. Guia Prático. Rio de Janeiro, Shape Editora, 1996. p. 217-226.

3 - I.N.E.P. Guia de Leitura para Alunos de 1º e 2º Graus. Centro de Pesquisas Literárias, PUCRS. São Paulo, Cortez, 1989, parte I. p. 7 e 8.

4 - KATO, M. Reconhecimento instantâneo e processamento em leitura. In: O Aprendizado da Leitura. São Paulo, Martins Fontes, 1985.p. 25 - 37.

5 - KENSKI, R., TEIXEIRA, D. Deu branco? In: Super Interessante. 2000; 8: 48-54.

6 - KLEIMAN, A. Objetivos e Expectativas de Leitura. In: Texto e Leitor. Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas-SP, Pontes, 1989, p. 29 - 44.

7 - LEVIN, J. Medidas de Tendência Central. In: Estatística Aplicada às Ciências Humanas. Trad. Sérgio Francisco Costa. 2ª ed., São Paulo, Harbara, 1987, p. 42-55.

8 - LUCKESI, C., et al. O leitor no ato de estudar a palavra escrita. In: Fazer Universidade: uma proposta metodológica. 8ª ed., São Paulo, Cortez, 1996, p. 136 - 143.

9 - MARTINS, M.H. O Ato de Ler e os Sentidos, as Emoções e a Razão. In: O que é Leitura. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 36 - 76.

10 - MATSUDO, V.K.R. Estatística. In: Testes em Ciências do Esporte. 5ª ed. São Caetano do Sul-SP, CELAFISCS, 1995, p. 99-125.

11 - MOLINA, O. Ler para Aprender. Desenvolvimento de Habilidades de Estudo. São Paulo, E.P.U., 1992, p. XIII - XVIII.

12 - ORLANDI, E. P. Discurso e Leitura. 4ª ed., São Paulo, Cortez, 1999, capítulo 1, p. 29 e 30.

13 - PERROTTI, E. Confinamento Cultural, Infância e Leitura. São Paulo, Summus, 1990, capítulo 2, p. 69 e 70.

14 - RUIZ, J. A. Metodologia Científica. Guia para eficiência nos estudos. São Paulo, Atlas S.A., 1982. p. 34 e 35.

15 - SEVERINO, A.J. Diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos. In: Metodologia do Trabalho Científico. 20ª ed. São Paulo, Cortez, 1998, p. 47 - 61.

16 - SILVA, E. T. O Ato de Ler. Fundamentos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo, Cortez, 1981. p. 31 e 49.

17 - SILVA, E. T. Leitura & Realidade Brasileira. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. p. 9-51.

